um aspecto esquecida da vida do Japão

GERALMENTE o Japão para os que o visitam é apenas o país das *geishas* e das cerejeiras em flor ou, para os que querem examinar os problemas económicos, o país dos magnates que lutam pela conquista do mundo. Esquecem-se pura e simplesmente os camponeses e os operários.

Ora, há no Japão mais de 5 milhões e meio de operários industriais, aos quais há que juntar um milhão de empregados e todos os assalariados que, trabalhando em empresas que utilizam menos de 5 pessoas, não estão recenseados nas estatísticas.

A renda da terra subtraída aos camponeses, a mais-valia produzida pelos operários são, com os grandes lucros coloniais, as fontes da acumulação monopolista; a ofensiva contra o nível de vida das massas laboriosas fornece uma grande parte dos meios necessários à preparação da «grande guerra».

O operariado japonês está submetido a uma exploração quase colonial. Antes de tudo, os seus salários são muito baixos e têm sempre tendência para descer, sobretudo depois da desvalorização do *yen* e do aumento consecutivo do custo da vida.

Eis a propósito algumas cifras:

Anos	Índice da produção industrial	Índice do grau de ocupação dos operários — 1926: %
1930	95	82
1931	92	74
1932	98	75
1933	113	82
1934	129	91
1935	142	100

Anos	Salário em 1926: %	Custo da vida em Tóquio 1914: %
1931	99	155
1932	91	135
1933	88	137
1934	91	146

Como se vê, não somente os salários diminuem, mas a produtividade do trabalho aumenta, e com ela o grau de exploração.

Os salários reais são ainda mais baixos do que parecem, porque o operário japonês tem ainda de pagar contribuições «patrióticas» e as multas são frequentes.

Em 1935, em Tóquio, os operários qualificados ganhavam de 1,18 *yen* a 4,76 *yen* por dia (4\$20 a 18\$20); os jornaleiros e a maior parte dos assalariados ganhavam muito menos (1 *yen* a 1,52 *yen*); as mulheres são ainda mais mal pagas: de 0,65 *yen* a 1,25 *yen*.

A legislação social quase não existe no Japão e as poucas leis já votadas são mal aplicadas, sobretudo nas pequenas empresas e nas empresas médias. O horário de trabalho está teoricamente fixado em 12 horas desde 1916 mas, no máximo, só 300.000 operários beneficiam deste regime. Esta lei nem sequer é aplicada à maioria das mulheres e dos jovens e as autoridades locais usam e abusam do direito que lhes é conferido de fazer derrogações; do mesmo modo, se teoricamente é proibido empregar crianças com menos de 12 anos, de facto podem ser dadas permissões. O trabalho nocturno dos jovens é interdito, mas, também para isso, está previsto e é aplicado um sistema completo de derrogações.

Desde 1927, o operário japonês goza de seguros sociais. As entradas de dinheiro provêm de 45 % do salarido (classe assalariada) (ou seja: cerca de 25 % do salário), na mesma percentagem do patrão e de 10 % do Estado; mas as caixas são administradas pelos capitalistas e os benefícios que delas tira o operário são ínfimos; comparados com as suas cotizações,

Os desempregados não têm nenhum auxílio, nenhuma medida foi tomada para garantir a segurança do trabalho embora os acidentes sejam muito frequentes e a mortalidade operária muito elevada, tão elevada que o nazi Haushoffer escreveu «que a exploração das mulheres e das crianças tomava um aspecto parigoso para a raça. 70 % dos falecimentos das operárias da indústria têxtil são devidos à tuberculose. O nível de vida do operário japonês é muito baixo. O prato principal é o arroz e o arroz de qualidade inferior, muitas vezes misturado com aveia ou com cevada, depois as favas, os feijões, os grandes rabanetes *daikhon*.

O peixe é caro. A carne é desconhecida; há operários que para poderem ir de carro eléctrico para o trabalho entregam ao usurário como penhor a tigela de arroz cozido que há-de constituir as suas refeições da tarde e o usurário à tarde desconta no salário uma contribuição de 40 a 50 %.

O vestuário do operário japonês é muito pobre; na oficina veste um fato azul (o fato macaco) como o operário europeu. Fora dela, veste um kimono de algodão com mangas largas; calça as *geta*, solas de madeira abadas com um cordão; a sua casa não tem mobiliário algum. É tão pobre que se vê muitas vezes forçado a renunciar ao seu banho quente quotidiano, e a limpeza, virtude do velho Japão, perde-se graças ao capitalismo. Se tem luz eléctrica em casa, as grandes companhias da produção de energia vendem-lhe a

corrente muito cara; aquece-se mesmo no Norte com carvão de madeira.

A situação das mulheres é ainda pior. As operárias são muito numerosas, sobretudo na indústria têxtil. 90 % das trabalhadoras têxteis alojam-se em casernas imensas, semelhantes a prisões, próximas das oficinas e muitas vezes cercadas de arame farpado; assim as ausências, os atrasos são suprimidos bem como o contágio de idéas perigosas; alimentam estas operárias de mau arroz e de peixe; duas vezes por mês, dão-lhes alguns grammas de carne. Em geral, estas raparigas são alugadas aos empregários pelos seus pais endividados; a exploração a que as submetem é horrível; que importa isso! quando a operária está doente mandam-na para casa. «Se se considerasse a operária têxtil como um ser humano, diz um provérbio japonês, os postes telegráficos floresceriam».

Não há descanso semanal, só dois dias de descanso por mês; as horas de ócio é preciso empregá-las na limpeza dos dormitórios, dos refeitórios, a ouvir palestras religiosas, militares, etc.

Quanto aos desempregados, levam a vida mais miserável que se possa imaginar. Mesmo actualmente são muito numerosos: desempregados operários, desempregados intelectuais, camponeses arruinados procurando trabalho na cidade, e que constatuem o exercício de reserva que influi poderosamente no nível dos salários.

Vivem em abrigos de tela armados sobre troncos de bambu, abrigos divididos em células de alguns metros quadrados contendo cada qual uma família.

Dizem-nos frequentemente: acima de tudo não comparem o nível de vida do operário japonês com o do operário europeu; recomendação esta, que foi feita não somente pelo governo japonês, mas também pelo senhor Maurette, alto funcionário do Bureau International du Travail. Claro que se torna necessário não confundir salário e nível de vida, e não esquecer as particularidades do desenvolvimento histórico e social dum país. O trabalhador japonês prefere o arroz ao pão, o peixe à carne, mas trabalha em empresas modernas com máquinas idênticas às que se encontram nas oficinas e fábricas dos outros países capitalistas.

Fabrica productos análogos; está submetido à mesma exploração e se estabelecermos paralelo entre os elementos economicamente comparáveis, somos levados a concluir que o grau de exploração é muito mais elevado no Japão que em França. As referências à tradição não são boas. Qual a razão porque vemos aqui bons edifícios e ali barracas de bambu? Aqui mobílias europeias e ali simples esteiras? Aqui aquecimento central e ali má fogueira de carvão de pedra? etc. (1)

H. C.

(1) Ver o livro: *Le Japon contre le monde*, Paris, 1938, E. S. I.

posição da juventude no mundo contemporâneo

por JÚLIO FILIPE

dade, as velhas instituições, as velhas doutrinas, os velhos sistemas já não se adaptam à infra-estrutura económica. Deixaram de satisfazer as necessidades presentes. A luta das forças contrárias torna-se palpante. As forças produtivas e as relações de produção entram em contradição.

A nossa época é de transição. A humanidade chegou a um ponto crítico. Forças subterrâneas, para além do arbitrio humano, conduzem o mundo para novas formas e novos sistemas. As super-estruturas humanas desagregam-se.

O conflito, a contradição vai exercendo a sua acção nas consciências. Surgem as descrenças. Surgem os protestos. Os homens apercebem-se de que está aberta uma nova era. Começam a compreender que caminham para um mundo novo. Os sistemas filosóficos, jurídicos, políticos procuram estabilizar-se. Persistem nas suas posições tradicionais. Agarram-se desesperadamente às fórmulas velhas e que não correspondem à nova situação.

As super-estruturas humanas não poderão subsistir por muito tempo, por força de um determinismo histórico. O pensamento dissolve-se na mística. A hora é desesperadora. (Triste sintoma de uma sociedade em crise).

Surgem as polémicas. Multiplicam-se as controvérsias. Marcha-se para a grande catástrofe.

Dividem-se os campos. Definem-se atitudes. Há dois caminhos a seguir. Dois só. De um lado os que pretendem um equilíbrio; os que compreendem que as super-estruturas existentes serviram a uma época que passou—já não satisfazem os interesses da produção.

Do outro lado, os que pretendem manter a todo o transe uma ordem em via de extinção. No primeiro campo está o pensamento jovem.

Se disséssemos que vivemos num mundo morto—não mentiríamos. Mundo desconcertado. Mundo desequilibrado. Mundo de forças contraditórias.

O desenvolvimento progressivo das forças produtivas exige instantaneamente um mundo novo, novos sistemas, novas fórmulas, novas doutrinas.

A super-estrutura social e intelectual deixou de corresponder à infra-estrutura material.

Enquanto não alcançarmos uma nova síntese, viveremos num mundo velho. Num mundo morto.

A juventude tem que enterrá-lo...

IV

E esta é a missão da juventude de hoje. Se o mundo é conflituoso, a juventude procura uma nova síntese.

E conta com as reacções. E com os ataques. E com as cições. E com as deserções. E com as lutas. Porque as consciências são conservadoras. Agarram-se às velhas posições. Agarram-se desesperadamente! Há que conservar os antigos sistemas jurídicos, filosóficos, doutrinários. Há que conservá-los a todo o transe. E procuram-se novos fundamentos lógicos para os velhos sistemas, porque as dúvidas, as descrenças e as fugas se sucedem às dúvidas, às descrenças e às fugas. Daí a crise mística que o mundo contemporâneo atravessa.

A juventude compete denunciar esta crise, esta dissolução do mundo velho, do mundo morto, enquanto a catástrofe não chega.

III

Se disséssemos que vivemos num mundo morto—não mentiríamos. Mundo desconcertado. Mundo desequilibrado. Mundo de forças contraditórias.

O desenvolvimento progressivo das forças produtivas exige instantaneamente um mundo novo, novos sistemas, novas fórmulas, novas doutrinas.

O pensamento dissolve-se

Disse Hegel que todo o conceito comporta o seu contrário. Toda a afirmação tem a sua negação. «O mundo é um conjunto de coisas contraditórias, tais como o ser e o não-ser, o frio e o calor, a luz e a escuridão, a alegria e a dor, a riqueza e a pobreza, o capital e o trabalho, a vida e a morte, o vício e a virtude, o idealismo e o materialismo, etc.»

Os contrários lutam entre si e só por um processo de luta entre o positivo e o negativo, podemos elevar-nos à síntese, isto é, a uma fase superior da evolução social. E enquanto não cessa a luta dos contrários, não se atinge esta fase superior da evolução social, a que Hegel chama a negação da negação.

Uma análise objectiva da história faz-nos crer no seu curso dialéctico. A antítese, a negação, aparece como uma força revolucionária até que a contradição permita que os homens alcancem uma síntese, que depois se resolve em tese e antítese.

Nisto consiste a evolução histórica. Nisto consiste o processo vital.

A humanidade chegou a um ponto crítico. Os progressos da técnica e as inovações da ciência permitem a criação progressiva de valores na sociedade humana. As forças produtivas crescem. A evolução do maquinismo, a descoberta de novas matérias primas determinam novos métodos de trabalho. Os operários, cada vez mais, produzem melhor e em maior quantidade. Multiplica-se a aplicação da ciência à indústria. Desenvolvem-se os meios de transporte.

Transformou-se já a infra-estrutura económica da sociedade.

A história tem uma base material. Não é o Espírito, não é a Razão que opera a evolução das ideias. A vida social é um dinamismo que se pauta pela evolução das condições materiais de existência.

A transformação da super-estrutura social e intelectual dá-se lentamente. Que a consciência humana é conservadora por natureza. Daí a desarmonia entre as novas forças produtivas e as velhas relações de produção.

A velha orgânica da socie-